

Elli Benincá: foi um homem apocalíptico?

Rogério L. Zanini¹

Gustavo Borges de Souza²

Resumo: A vida e o legado do Pe. Elli Benincá (*in memoriam*) estão contribuindo em nossa Faculdade de Teologia Itepa Faculdades (Passo Fundo/RS) para fortalecer a metodologia participativa, a retomada da eclesiologia pós-conciliar, fomentar e priorizar os processos sinodais na evangelização. Devido a esta importância, nossa hipótese é sobre a possibilidade de afirmar *Benincá como um homem apocalíptico*. O Apocalipse de São João, por sua vez, é um livro misterioso e que causa muito tremor nas pessoas. Texto bíblico que permitiu (permite) ao longo da história ser utilizado de muitas formas, inclusive para sustentar uma ‘revelação’ na ótica dos impérios. Por isso, ao investigar o legado de Benincá como homem apocalíptico, queremos entrar nesta seara para compreender melhor os objetivos da literatura apocalíptica, tendo presente o contexto social, histórico e teológico. Através de uma investigação de cunho bibliográfico e testemunhal, o presente texto busca, em primeiro lugar, compreender o contexto e os objetivos desta linguagem apocalíptica e relacionar, no segundo momento, a reflexão construída por Benincá como um “clássico regional” (Dalbosco). Em conclusão defendemos que Benincá foi um *homem apocalíptico*, porque soube desocultar os autoritarismos, ressignificar os instrumentos de opressão, propor o diálogo e a investigação da práxis como caminho libertador.

Palavras-chave: Elli Benincá. Apocalipse. Revelação. Profecia. Teologia

INTRODUÇÃO

O Pe. Elli Benincá (*in memoriam* - 1936-2020) deixou-nos um testamento: “se não tiver projeto eu morro” (RODIGHERO, 2022, p. 360). Se o projeto não estivesse a serviço dos despossuídos, vulneráveis da sociedade, seria certamente uma espécie de “morte”, não somente no aspecto físico, mas no âmbito pedagógico e teológico que podem e, muitas vezes, estão a serviço da morte. Alicerçado na mensagem evangélica (opção pelos pobres), Benincá “não teve medo” de permanecer firme no que acreditava, porque sabia muito bem que a justiça do Reino de Deus se realiza na resistência e resiliência dentro dos processos históricos. Buscando descortinar esta faceta, surge uma questão peculiar e audaciosa de nossa parte. Investigar se o *Padre Elli Benincá foi um homem apocalíptico*. Apocalíptico, no sentido de ser portador de uma mensagem de ânimo para as pessoas e grupos que estavam sofrendo no seu tempo e lugar. Portador da esperança de que o sofrimento, a submissão dentro dos processos educacionais e políticos precisam ser transformados. Arauto de um processo metodológico que leve as pessoas a ressignificar a própria prática.

1 Doutor em teologia dogmática pela PUC/RS e membro docente da Itepa Faculdades de Passo Fundo/RS. Contato: zaninipastoral@hotmail.com

2 Graduado em filosofia e acadêmico do segundo ano de teologia da Itepa Faculdades/Passo Fundo/RS. Contato: gustavoseminarista@gmail.com

O trabalho proposto busca, nesta perspectiva, tratar de duas dimensões fundamentais. A primeira, a partir das narrativas apocalípticas, compreender os sistemas imperiais, portadores de morte e destruidores de projetos, que acabam por alienar e submeter as pessoas às ideologias do império. A segunda, tendo por referência Benincá, buscar elementos deste “*clássico regional*” (Dalbosco) que possibilita fundamentá-lo como homem apocalíptico.

1 APOCALIPSE NO CENÁRIO BÍBLICO

Tanto a linguagem apocalíptica como os textos apocalípticos são uma constante na literatura bíblica. Como livros bíblicos pertencentes ao cânone católico, são dois: o livro de Daniel (167 e 164 a.C.) e o livro do apocalipse (90-96 d.C.). Desta forma, de imediato percebemos que a linguagem apocalíptica se torna visível dentro de um horizonte histórico de três séculos, onde se deu o movimento apocalíptico popular quase ininterrupto que se expressou numa abundante literatura apocalíptica histórica e apócrifa (RICHARD, 1996, p. 27).

O Apocalipse evoca um horizonte amplo e, sobretudo, transcendente, no qual sustenta a esperança de que a vitória chegará. Não se trata de imaginar que o mal vence o bem de forma mágica e sem a resistência e a luta do povo organizado. Através de uma linguagem simbólica reforça o mesmo que os profetas diziam: a necessidade da conversão. No caso do Apocalipse, João mesmo estando exilado na ilha de Patmos resiste e grita profeticamente perante o império Romano. Sua prisão é oriunda da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus Cristo e sofre as consequências do exílio por esta opção de vida (Ap 1,9).

Teologicamente, o importante e fundamental é que o Apocalipse apresenta Deus inserido na história, e ao lado dos pobres e dos oprimidos, e contra os que buscam destruir a vida, ou seja, os dragões imperiais. Esta é a música de fundo tocada por toda a literatura apocalíptica e que se faz perceptível extraordinariamente no livro do Apocalipse escrito por João. Esta centralidade teológico-cristológica se mostra na medida em que Deus-sentado no Trono (Ap 4) entrega seu poder a Jesus Cordeiro (Ap 5).

Uma das dimensões intrínsecas é que Deus-Jesus-Espírito Santo está imbuído na história e não fora dela. A Trindade participa ativamente dos acontecimentos do mundo. Isso significa segundo Cunha que:

as catástrofes do presente podem parecer uma negação de toda a esperança, mas tal aparência é um engano. O conceito de “revelação” testifica essa participação divina na história. Deus não se deu a conhecer nos relatos, mas nos acontecimentos concretos da vida. Revelação é a manifestação da presença do extraordinário no ordinário da existência, mediante a qual ele se dá a conhecer e concede ao mundo a possibilidade de reconhecê-lo. Revelação é uma realidade relacional, dialogal (CUNHA, 2020, p. 494-495).

Distancia-se, assim, da compreensão da história como determinada, ou mesmo destinada sem um dinamismo dialético. Progresso e retrocesso, aceleração e estagnação, morte e vida compõem o cenário das narrativas apocalípticas. De acordo com o biblista Pablo Richard: o Apocalipse é a revelação (desocultamento) da presença transcendental e libertadora de Cristo ressuscitado na história. O apocalipse é o oposto do que hoje se chama de ideologia: que oculta a opressão e legitima a dominação. Portanto, voltar a esta narrativa representa, “recuperar uma dimensão fundamental do movimento de Jesus e das origens do cristianismo” (RICHARD, 1996, p. 19-20).

A história comandada pelo Império Romano estava como que lacrada, fechada com sete selos, que imprimia segurança, exílio, prisão, martírio. A força militar era justificada como segurança imperial. Os impérios têm a força e as astúcias para amarrar a história como uma realidade impossível de ser transformada.

Por isso, como salienta Pablo Richard: “o Apocalipse de João une Apocalíptica e Profecia. Os mitos e símbolos que utiliza não são representações estáticas e definitivas da realidade, mas instrumentos e critérios para um discernimento profético da história” (RICHARD, 1996, p. 21). É uma maneira de chamar à conversão e oferecer a salvação universal. É interessante perceber a novidade profética manifestada em todo o percurso da história bíblica, com linguagens modificadas, mas mantendo sempre a mesma lógica: um grito profético em defesa da vida dos pobres e oprimidos. Assim se pode dizer e compreender que na linhagem bíblica mesmo sendo expressa, ora como narrativas históricas, relatando os mandamentos e leis do povo de Deus, seja através dos profetas propriamente, outras vezes em salmos, poemas, provérbios, novelas, cartas, ou mesmo através dos Evangelhos, perpassam sempre uma novidade particular: ser um anúncio profético em vista da vida dos pobres e excluídos de cada tempo e lugar. Neste sentido, o livro do Apocalipse chega através desta linguagem simbólica, mas altamente revolucionária, ao grande sonho de Deus para a humanidade: um novo céu e uma nova terra (Ap 22) (MAZZAROLO; ZANINI, 2020, p. 741).

O Apocalipse é profecia em tempo de dominação de impérios. Denuncia sua violência, a exploração e o uso que fazem da religião para se apresentar como sagrados, exigindo culto ao imperador. O apocalipse, neste sentido, revela a consciência de que não é possível fazer acordos com a Besta. Não há como conciliar o projeto de Deus com o do Dragão. Portanto, o livro do Apocalipse quer manter a perseverança na fé em Jesus e na resistência diante da imposição da idolatria romana, que pretende cooptar as comunidades e seus líderes.

Em nossos dias, poderíamos dizer que um dos principais objetivos do Apocalipse seria fortalecer a resistência contra os valores pregados pelo império dos dragões do capital globalizado. Visualizados na cultura do individualismo, na competição, no acúmulo de bens materiais, no endeusamento das riquezas e na corrupção. Sem mencionar a realidade da guerra com objetivos e fins econômicos que dizimam culturas e povos, cujas maiores vítimas são os mais vulneráveis (crianças, mulheres, pobres, negros...), trazendo dores e sofrimentos incalculáveis. E como não lembrar da destruição da natureza em vista do agronegócio.

2 ELLI BENINCÁ³: HOMEM APOCALÍPTICO?

Depois de discorrer sobre o conceito de apocalipse traduzido e interpretado à luz da Bíblia, especialmente conforme assinalado no livro do Apocalipse de São João, a atenção volta-se para a pessoa, prática e obra do padre Elli Benincá. A hipótese, adiantando o que será fortalecido no final, é que Benincá foi uma pessoa com método pedagógico/teológico-pastoral apocalíptico, na medida em que se compreende o Apocalipse como ferramenta/códigos utilizado por João para desocultar e desvelar a realidade de submissão e alienação vivida pelos cristãos perante o império romano.

Em sua dissertação de mestrado, intitulada *Conflito Religioso e Práxis*, Benincá expressa vivamente esse aspecto ao destacar que: as práticas teológicas são também religiosas e que o poder econômico, uma vez fetichizada a economia, se associa também ao poder religioso. Sempre, porém de forma idolátrica (BENINCÁ, 2016, p. 23).

Tal narrativa se dá em decorrência de sua vinculação com os agentes de pastoral e os pequenos agricultores acampados (Fazenda Anonni e Encruzilhada Natalino). Através do método crítico-dialético, que lhe deu suporte para uma análise antropológico-teológica, descobriu a força das mediações religiosas para a produção e reprodução dos sistemas econômicos. Desta forma, foi desnudando os interesses vinculados às práticas políticas e religiosas dos diversos setores imbricados que naqueles locais se faziam presentes.

Ao determinar em seu estudo que os conflitos existentes no meio rural, se davam através de determinadas forças sociais antagônicas, e com isso geravam idênticas práticas políticas sustentadas sempre por concepções de mundo coerentes com estas concepções e práticas políticas em desenvolvimento. Em sua pesquisa, demonstrou como estas repercutiam nas práticas religiosas, o que acabava por gerar também conflitos neste aspecto, incidindo nas práticas de solidariedade de pessoas socialmente diferentes na luta pela terra.

Benincá, portanto, “revelou”, “tirou o véu” de como aconteciam as relações econômicas (agronegócio, latifúndio, políticos) e, também, das diversas teologias dos grupos religiosos que lá atuavam (teologia tradicional). Nesta direção e buscando aproximar a literatura apocalíptica com a ênfase pedagógica de Benincá se pode, em um primeiro nível, perceber que ambos estão localizados na ponta de um problema similar. A literatura apocalíptica surge em

3 Quem foi o Pe. Elli Benincá? Elli Benincá nasceu em Severiano de Almeida/RS no dia 20 de julho de 1936 e sempre viveu e exerceu o ministério sacerdotal em Passo Fundo/RS. Concluiu os estudos de teologia, em 1965, no Seminário Maior N. Sra. Imaculada Conceição de Viamão/RS. Com 29 anos e na metade do último ano de teologia, foi ordenado presbítero no dia 03 de julho de 1965, em Severiano de Almeida/RS, por Dom Cláudio Colling. Neste mesmo ano, iniciou seu ministério presbiteral e docente em Passo Fundo, na Faculdade de Filosofia, hoje Universidade de Passo Fundo. Nela, foi professor e pesquisador durante 40 anos, diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e da Faculdade de Educação. Foi professor das áreas de Teologia e Educação, Vigário Paroquial, Formador, Diretor de faculdades, coordenador diocesano de pastoral etc. Em 1982 integrou o grupo de fundadores do Instituto de Teologia e Pastoral (ITEPA) hoje Itepa Faculdades, sendo seu primeiro Diretor e professor até 2020. Foi autor e organizador de vários livros. Uma obra referencial para maiores aprofundamentos é recente publicação de MÜHL, Eldon Henrique; MARCON, Telmo (org.). *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*. Passo Fundo: Editora UPF, 2022.

momentos de forte opressão, exclusão e perseguição e a perspectiva benincaniana aparece como contraponto, num primeiro momento diante do contexto da ditadura militar, alargando-se e expandindo-se posteriormente para outros ambientes socioeducacionais-culturais. Como esclarecem os autores Telmo e Eldon: “a década de 1970 foi marcada por muitas dificuldades pedagógicas e políticas. A censura e a presença de espiões em sala de aula dificultavam qualquer trabalho político participativo e democrático, valores extremamente relevantes na vida e na prática de Benincá” (MARCON; MÜHL, 2022, p. 23).

Em comum acordo com a narrativa do Apocalipse, Benincá construiu uma trajetória olhando para os últimos e invisíveis da história, tais como os pequenos agricultores acampados, sem-terra, caboclos e indígenas. Através de sua metodologia dialógico-participativa, levou para o âmbito educativo formal esta realidade, revelando novos horizontes e tematizando a ressignificação de uma concepção de sociedade hegemônica e autoritária. Como ele mesmo narra em sua trajetória pessoal de escola, houve uma experiência negativa de sentir-se oprimido. A experiência negativa de desprezo e autoritarismo recebido por parte de um professor ajudou-o a refletir sobre outra educação: dialógica e participativa.

O processo de ressignificação, a percepção da presença do autoritarismo e da cultura do silenciamento na sociedade e nos diferentes contextos de vida foram como âncoras para construir outros referenciais metodológicos (MÜHL; MAINARDI, 2022, p. 187). Deste sinal começa brotar a insurgência de Benincá para libertar-se das garras dos mecanismos de opressão não aceitando mais como normal ou natural o que está dado e posto. Trata-se de uma pessoa profundamente engajada com os acontecimentos e comprometida com os movimentos e processos sócio-políticos, religiosos e educacionais da sua época. Como ele mesmo reconhece mais tarde: “o desafio, que constantemente provoca minha curiosidade, reside na possibilidade de compreender academicamente a estrutura da pedagogia da ressignificação, tão eficaz na produção de consciências passivas e submissas politicamente” (BENINCÁ, 2012, p. 373).

Benincá tem por base amplos referenciais teóricos que lhe deram suporte e firmeza no caminho, mas sempre deixou clara a influência central e primordial do Concílio Vaticano II. Dentre as diversas inspirações que o Concílio fez nascer destacam-se:

1 – A intenção explícita de recolocar o Reino de Deus no foco central da evangelização; 2 – A reconstrução da eclesiologia a partir da ideia da Igreja Povo de Deus; 3 – O resgate da condição de dignidade e liberdade do povo de Deus e o Sacerdócio comum dos batizados, com especial destaque para a noção de comunidade sacerdotal de estrutura orgânica (BENINCÁ; BALBINOT, 2009, p. 16).

Outro referencial determinante foi a Conferência de Medellín (1968), pois significou uma *recepção profética e criativa* do caminho aberto pelo Concílio Vaticano II, tendo a opção pelos pobres e o seguimento a Jesus de Nazaré como exigências irrenunciáveis do Evangelho (Lc 4,16-21). A definição de Medellín é paradigmática e fonte inspiradora de grande relevância

na elaboração da proposta metodológica *benincaniana*. Destaque-se que o método *Ver, Julgar e Agir*, herdado da Ação Católica (Joseph Cardijn), também se inspirou na abertura da Igreja aos dos “sinais dos tempos” (Mt 16,3; GS 4, tendo sido o fio condutor da recepção criativa e profética do Concílio em Medellín. Método que passa a ser visto como problemático na Conferência de Santo Domingo (1992) e é retomado em Aparecida (2007). Os bispos latino-americanos fizeram questão de retomar a herança de Medellín e de justificar sua escolha. “Em continuidade com as Conferências Gerais anteriores do Episcopado Latino-americano, este documento faz uso do método ‘ver, julgar e agir’” (Dap, 19).

Outro elemento que relaciona o legado de Benincá com o Apocalipse se refere à preocupação com a análise da realidade imbricada nos fatos e acontecimentos da sociedade. Nas palavras de Lucídio, Benincá tinha uma obsessão pela realidade, que se desvela e permanece velada e sempre a ser investigada (BIANCHETTI, 2022, p. 40). Desta forma, manifesta a importância da realidade, mas também que tal posicionamento leva a perceber como a realidade é construída. A pergunta não pode ser o que é a “realidade”, mas como ela é “construída”. Dizendo metaforicamente: “se o homem morasse no fundo do mar a última coisa que perceberia era a água (BIANCHETTI, p. 40, nota 5).

Ora, no Apocalipse um dos elementos centrais é a capacidade das comunidades lerem a história a partir da ótica de Deus. Aos olhos humanos estão fadados a todos serem engolidos pelos dragões e as bestas feras. *E quem poderá resistir?* (Ap 6,17). Na força do Deus que faz aparecer o que não se vê, encontra-se a capacidade resiliente e resistente de continuar ‘mais um tempo’, ou ‘um tempo e meio’ para que chegue o fim do sofrimento e desponte o novo amanhecer. Uma Jerusalém celeste, onde jamais se faz existirem lágrimas, luto, sofrimentos, mortes e nem mesmo pessoas queimadas pelo sol (Ap 7,16-17). Tudo reluz o divino e tudo contribui para a *fraternidade e amizade social* como prega e testemunha o Papa Francisco na *Fratelli Tutti*.

CONCLUSÃO

Na simples e ousada reflexão buscou-se adentrar no pensamento de Benincá através da chave do Apocalipse. Esta literatura apesar de ser muito presente e importante nas Sagradas Escrituras, para alicerçar uma espiritualidade profética, no entanto, não raras vezes, é analisada timidamente, quando não de forma superficial e alienante. Longe de colocar medo e tornar as pessoas anestesiadas, encontra-se nesta literatura uma maneira nova de denunciar os impérios e construir uma sociedade fraterna.

No legado do Pe. Elli Benincá, por sua vez, encontramos nas palavras de Lucídio, uma pessoa extraordinária, pessoa comum como indivíduo, mas extraordinária como agente protagonista de uma práxis coletiva (BIANCHETTI, 2022, p. 77). Perguntando-se pela *relevância* da obra de Benincá, José Santos reconhece que em um contexto de negacionismo, no qual a ciência, a arte, a cultura, o meio ambiente e o pensamento científico são questionados e negados por forças conservadoras, autoritárias, de extrema direita, “as ideias e a obra de Benincá

representam tempos e espaços de resistência, de esperança, de luta em favor da democratização da educação e dos demais direitos sociais” (SANTOS, 2022, p. 239).

Ao confrontar a perspectiva de Benincá com a linguagem apocalíptica se compreende melhor a função e missão do apocalipse na história de ontem e de hoje. Por um lado, superaram-se preconceitos e se abre caminho para um entendimento do poder extraordinário do apocalipse na vida das comunidades e, inclusive, sua força para resgatar projetos de dignidade e vida para a humanidade. Por outro lado, a leitura benincaniana à luz do Apocalipse ajuda a entrar cada vez mais na dimensão profética libertadora de sua obra, revelando e desvelando a marginalização de homens e mulheres reais que viviam e ainda vivem na exclusão, ocultos no empobrecimento real.

Por isso, a necessidade de desmistificar e atualizar frente ao nosso tempo e ressignificar os apocalipses, para que sejam vistos antropologicamente e hermeneuticamente em seus aspectos históricos, sociológicos e teológicos. Desta forma, consiga denunciar e superar o conceito tão disseminado pelo senso comum, que ainda hoje continua utilizando o discurso apocalíptico com a finalidade de alienar, submeter as pessoas ao medo e ao passivismo diante de um contexto, por exemplo, como o nosso marcado pelo coronavírus, tragédias e guerras. Em relação, ao padre Elli Benincá conceituá-lo como um homem apocalíptico, é compreendê-lo quer seja em sua pedagogia/metodologia, bem como nas concepções de eclesiologia/teologia, alguém que corajosamente e profeticamente buscou ressignificar a consciência passiva e submissa das pessoas.

Em sua prática se percebe isso através do desvelamento dos meios de opressão política; incentivando e fortalecendo a organização de grupos e movimentos sociais; aprofundando e estudando as várias áreas de conhecimento; denunciando as arbitrariedades, exclusões e todo tipo de dominação. Dizendo à luz da ótica do apocalipse, desocultou a lógica defendida pelo poder dominante do império romano, no sentido de afirmar que a história ‘sempre foi assim mesmo’ e deve continuar existindo dominadores e dominados. Neste sentido, tanto Benincá como a literatura apocalíptica irão propor uma práxis protagonizada por outros sujeitos sociais, superando dominador e dominados, dragões e mulheres.

REFERÊNCIAS

BENINCÁ, Elli. Entrevista: Diálogo com Educadores. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 19, n. 2, p. 367-378, jul./dez. 2012.

BENINCÁ, Elli. *Conflito religioso e Práxis: o conflito religioso na ação política dos acampamentos de Encruzilhada Natalino e da Fazenda Annoni*. Passo Fundo: IFIBI/UPF, 2016.

BIACHETTI, Lucídio. Formação dialógica interdisciplinar: as tec/ssituras urdidas e orquestradas por Elli Benincá. MÜHL, Eldon Henrique; MARCON, Telmo (org.). *Formação de educadores-pesquisadores: contribuições de Elli Benincá*. Passo Fundo: Editora UPF, 2022. p. 37-82.

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. Esperança em tempo de pandemia: apontamentos da escatologia contemporânea no contexto da covid-19. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 60 n. 2 p. 483-498, maio/ago. 2020.

DALBOSCO, Cláudio. *PADRE E EDUCADOR ELLI BENINCÁ*: fonte de inspiração e de compromisso. Disponível em: <https://itepa.com.br/2022/05/03/padre-e-educador-elli-beninca-fonte-de-inspiracao-e-de-compromisso/>. Acesso em: 08 mai. 2022.

MAZZAROLO, Isidoro; ZANINI, Rogério L. Apocalipse e a pandemia: Jesus inserido na realidade das vítimas. *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, v. 52, n. 3, p. 733-754, Set./Dez. 2020.

RICHARD, Pablo. *Apocalipse*, reconstrução de Esperança, Vozes, Petrópolis, 1996.

RODIGHERO, Ivanir A. Padre Elli: uma vida dedica à formação. In.: MÜHL, Eldon Henrique; MARCON, Telmo (org.). *Formação de educadores-pesquisadores*: contribuições de Elli Benincá. Passo Fundo: Editora UPF, 2022. p. 363-369.